



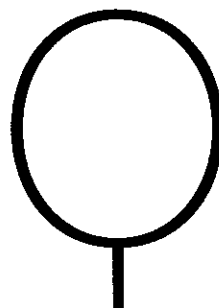
# O maior soldado da América (que era português)

A CARGA CRUVEIRA  
DA BATALHA DE STONY  
POINT, UM DOS MARCOS  
DA GUERRA  
DA INDEPENDÊNCIA  
DOS ESTADOS UNIDOS

## MACHO HISTÓRIA



**O BOM GIGANTE**  
IMAGEM DE PETER  
FRANCISCO AOS 38 ANOS



uarenta quilómetros a norte de Nova Iorque, um exército improvisado marcha pela noite dentro em direção à fortaleza de Stony Point, situada no topo de uma colina rodeada por pântanos. Mal equipados, exaustos, famintos e desmoralizados, estes homens contam por derrotas todas as batalhas contra o exército britânico. Stony Point não deverá fugir à regra.

Farto deste ciclo negro, o general George Washington arquiteta um novo plano. Destaca uma força de 20 homens, os mais fortes e experientes do regimento, para trepar os muros de cerca de dez metros, quebrar a primeira linha de defesa do inimigo e abrir os portões da fortaleza. A liderar aquela espécie de grupo de super-heróis está um gigante com mais de dois metros e 120 quilos de músculos, que Washington observa há mais de dois anos.

Chegados ao local, fazem uma pequena pausa, recebem as últimas instruções e avançam de rompante. Os cerca de mil soldados de Sua Majestade são surpreendidos pela unidade de forças especiais, que em poucos minutos chacinam os guardas que estão de vigia e dirige-se para a entrada de Stony Point. A primeira etapa da invasão termina com sucesso.

Quando o alarme soa, os rebeldes já caminham no interior da fortaleza e ganham vantagem no assalto final contra os estremunhados reforços britânicos, que reagrupam e passam ao contra-ataque, liquidando 17 dos 20 homens que tinham iniciado a operação. Ferem gravemente os três restantes, mas não conseguem tombar o gigante que, mesmo com um golpe de 20 centímetros de baioneta no estômago, captura a bandeira do império europeu e entrega-a ao general Washington.

A batalha de Stony Point, em 1779, seria o ponto de viragem na Guerra da

Peter Francisco nasceu nos Açores e chegou com 5 anos à América, onde se tornou o herói da Guerra da Independência. O Expresso entrevistou descendentes, acedeu a documentação e conta a história do "Gigante da Revolução"

TEXTO DE RICARDO LOURENÇO

CORRESPONDENTE NOS ESTADOS UNIDOS

Independência dos Estados Unidos e o momento de consagração do “maior soldado da América”, como recordaria George Washington. “Sem ele teríamos perdido duas batalhas cruciais, talvez a guerra, e com ela a nossa liberdade”, disse em 1781 o primeiro Presidente dos EUA.

O gigante de Stony Point era português. Chamava-se Peter Francisco e fora abandonado aos 5 anos num porto da Virgínia, em 1765. O Expresso entrevistou alguns dos seus descendentes, teve acesso a documentos e à escassa bibliografia que relata a vida do herói, que ainda hoje inspira várias individualidades, como a ex-secretária de Estado Condoleezza Rice ou o recém-nomeado chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Martin Dempsey.

**Raptado por piratas.** Dois irmãos brincam perto de uma praia na ilha Terceira, Açores. Os pais, nobres do continente perseguidos pelo marquês de Pombal, vivem a poucos metros dali, na casa que lhes serviu de refúgio.

Mas a acalmia é ilusória. Um grupo de piratas, possivelmente contratado por inimigos da família, aproxima-se dos menores e começa a seduzi-los com brincadeiras e doces. Após alguns minutos, agarram-nos. A rapariga, mais velha, escapa, mas o rapaz, com apenas 5 anos, é raptado. Cinco a seis semanas mais tarde, o mesmo navio pirata chega à costa do Estado norte-americano da Virgínia e fica ancorado ao largo do porto de City Point, um local de comércio pouco usado pelos emigrantes europeus.

James Durrel, residente na cidade vizinha de Petersburg, assiste à chegada da criança. Afirma ter visto, numa manhã de nevoeiro, uma pequena embarcação a afastar-se de um navio e a rumar em direção a terra, trazendo um grupo de homens e um rapazinho, que seria abandonado no porto. As poucas pessoas que ali estavam estranharam aquela visita, ficando estupefactas quando se aperceberam que o aparente clandestino provinha de famílias abastadas. Durrel recorda que a criança falava uma língua estrangeira, repetindo sucessivamente aquilo que parecia ser o seu nome: “Pedro Francisco! Pedro Francisco!”

“Ele vestia roupas europeias e tinha sapatos com fivelas em prata que ostentavam as iniciais P.F.”, descreve Libby Newsome, a diretora do gabinete de Turismo de Hopewell, cidade onde se localiza o porto de City Point.

No século XVIII, naquela região dos EUA, as crianças abandonadas eram colocadas em orfanatos para posterior adoção ou compra, caso fossem convertidas em escravos. Foi o que aconteceu ao pequeno Pedro, que seria rebatizado Peter Francisco pelo juiz Anthony



**HERÓI TRAVIS BOWMAN, DESCENDENTE DE PETER FRANCISCO, COM UMA RÉPLICA DA ESPADA DO SEU ANTEPASSADO: O LIVRO SOBRE O PORTUGUÊS E A MENSAGEM QUE CONDOLEEZZA RICE ENVIOU A OUTRO DESCENDENTE DO SOLDADO**



Mais de dois séculos depois, o legado de Peter Francisco ganha uma importância crescente. Está um livro a caminho e em 2013 sai um filme

Winston, que o recrutaria para a sua plantação. “A intenção do juiz Winston era acolhê-lo na família, mas a mulher não concordou, por duas razões: já tinha quatro filhos e o petiz tinha a pele mais escura do que o normal. Por isso foi colocado junto dos escravos, onde trabalhou na plantação e, depois, como ferreiro”, descreve Travis Bowman, descendente de sexta geração do herói americano e autor de um livro e de um curto documentário sobre o seu antepassado. “O racismo desempenhou um papel fundamental nesta história”, afirma.

**Soldado aos 16 anos.** Durante a infância, Francisco não aprendeu a ler nem a escrever. Teria um quarto com qualidade acima dos restantes escravos, mas incomparável com os da

casa principal. Aos 14 anos, já tinha mais de dois metros e um peso bem acima dos 100 quilos, tornando-se um dos guarda-costas do juiz Winston. É nessa condição que viaja até à cidade de Richmond, acompanhando o seu tutor até à Igreja de St. John, onde iria realizar-se um encontro de líderes independentistas.

Proibido de entrar, Francisco fica à espreita a partir de uma janela lateral. É então que vê e ouve Patrick Henry, um orador brilhante e líder da revolta no Estado da Virgínia, proferir a frase que ficaria para sempre na história da América: “Give me freedom or give me death!” (“Deem-me a liberdade ou deem-me a morte!”)

Inspirado pelo que ouvira, quis alistar-se de imediato nas fileiras do exército rebelde. O juiz Winston proibiu-o, explicando-lhe que ainda era muito novo e, acima de tudo, imprescindível na plantação. Em dezembro de 1776, Peter Francisco recebe finalmente autorização para se juntar aos militares independentistas, entrando para o 10º Regimento da Virgínia. Nove meses depois, é ferido na batalha de Brandy Wine Creek e transportado para um hospital militar, onde viria a conhecer o seu eterno amigo Marquis de Lafayette.

Com a passagem dos anos, a fama de Peter Francisco torna-se mítica. “As suas histórias eram contadas aos soldados antes das batalhas, como se fossem uma injeção de moral”, conta Elizabeth McCleod, também descendente de sexta geração.

George Washington, que sempre reconheceu a influência daquele soldado, ofereceu-lhe a 12 de março de 1781 uma espada de seis pés de comprimento (1,83 m), isto porque Francisco estava cansado de partir as lâminas normais, a que ele chamava “palitos”, segundo se lê no livro “The Portuguese Patriot”, de William Arthur Moon. Três dias após aquela oferta, Peter Francisco combateu pela primeira vez a cavalo, na batalha de

Guilford Courthouse. Munido da sua nova arma, matou 11 britânicos. No mesmo ano terminou a carreira militar, tornando-se vigilante de uma milícia na Virgínia.

Com 21 anos, Francisco era dono de várias propriedades, recebidas como recompensa pelos seus feitos de guerra. Apaixonado por Susan Anderson, cuja família impôs como condição para o casamento que o ex-soldado aprendesse a ler e a escrever, regressa a casa dos Winston, para os informar que iria abandonar a plantação.

O juiz reagiu mal à notícia e expulsou-o. "Parece que ambos acabaram por fazer as pazes, quando o sr. Winston apareceu na festa do casamento e lhe ofereceu uma prenda especial: a escrava Petúnia, uma amiga de infância", revela Travis Bowman.

Peter Francisco acabaria por se casar mais duas vezes, sempre com mulheres de famílias abastadas, o que lhe facilitou a ascensão social e um regresso às suas origens nobres. "Peter tornou-se um produto das influências sociais da Virgínia, tão charmoso como aqueles que

são descendentes da realeza britânica. Tem um grande sentido de humor e é bom observador", lê-se no livro de William Arthur Moon.

Mais de dois séculos depois do nascimento de Peter Francisco, o legado do "Hércules da Revolução" (título do livro de Travis Bowman sobre o seu antepassado) é cada vez mais estudado e valorizado. Na última década de 70, o investigador John Manham viajou até Porto Judeu, na ilha Terceira, para confirmar a existência da certidão de batismo. Na mesma altura foi criada a Sociedade de Descendentes de Peter Francisco, que ainda hoje se reúne duas vezes por ano para celebrar a memória do herói americano.

Nos Estados do Massachusetts e da Virgínia estabeleceu-se o feriado de 15 de março como o dia de Peter Francisco, cuja vida continua a inspirar os militares americanos. Há cerca de um mês, num discurso oficial, o recém-nomeado chefe do Estado Maior das Forças Armadas disse: "Por vezes, percebemos melhor quem somos através das experiências dos nossos soldados. Em março de 1781, Peter

Francisco combateu na batalha de Guilford Courthouse, depois de mais de cinco anos de luta e ferimentos vários. Resistiu à dor e derrotou mais de uma dúzia de soldados inimigos."

Recentemente, Elizabeth McCleod, que fez parte do corpo de Marines, recebeu uma carta de Condoleezza Rice, onde a ex-secretária de Estado norte-americana agradece os livros sobre Peter Francisco. "Mal posso esperar para ler sobre este patriota da guerra revolucionária", escreveu.

Travis Bowman assina dentro de um mês um contrato com uma editora nova-iorquina para a publicação do seu livro, depois de, no início do ano, ter firmado, em Los Angeles, um acordo para a realização de um filme baseado na vida do antepassado, que chegará às salas de cinema em 2013. "Assim que receber o primeiro adiantamento, irei finalmente conhecer os Açores e Porto Judeu. Sempre sonhei voltar ao lugar onde tudo começou e, quem sabe, encontrar os meus familiares", confessa Bowman. ■

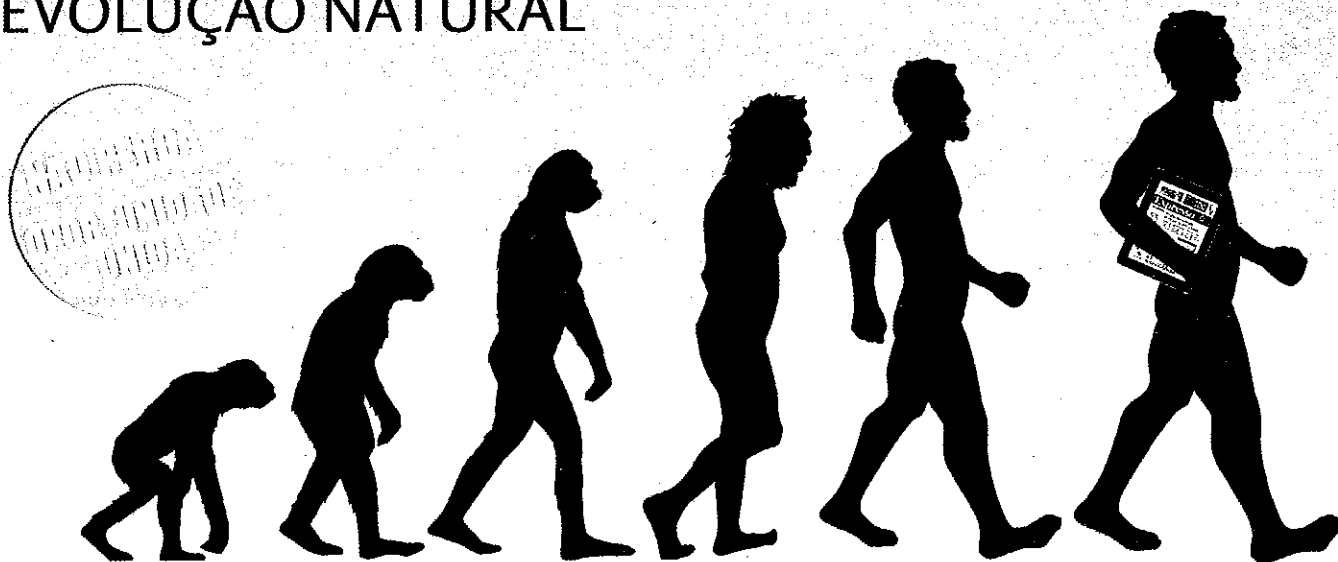
unica@expresso.impresa.pt



**Expresso**

Faz opinião

## A EVOLUÇÃO NATURAL



### O EXPRESSO NO IPAD A PREÇOS DE OUTRA ERA

Leia o Expresso no iPad ou no pc durante 1 mês, por apenas 1€.  
O seu Expresso de sempre nas novas plataformas.

**Assine até 27 de agosto e receba 4 edições do Expresso, por apenas 1€.**  
Vá já a [www.expresso.pt](http://www.expresso.pt).

### PREÇO EXCEPCIONAL

**4 edições** € 1\*

Assinatura digital